Virei para a Filipa de Vilhena e vi todo aquele aparato de carros da polícia e carros de bombeiros. A rua estava cortada ao trânsito, e à medida que me aproximava da esquina com a Visconde de Valmor, ia ficando cada vez mais ansiosa. Olhei para cima, para o meu prédio. Procurava qualquer coisa de anormal, não vi nada. Quando, porém, quis seguir pelo passeio da direita, fui impedida por um polícia. Perguntei o que se passava.

— Foi uma explosão, minha senhora — respondeu. — A senhora mora no prédio?

— Moro — disse eu.

— Pode passar, mas terá de contornar o carro dos bombeiros, não vá cair lá de cima ainda alguma coisa. — Ia levantar o cordão, hesitou. — Desculpe… deixe que lhe pergunte: em que andar mora…?

— Décimo sexto.

— Ah… então é melhor a senhora não subir — disse ele. — Eu informo o inspetor de que está cá em baixo.

— Como? Não posso subir? — protestei. — Ainda agora vi um vizinho meu passar!

Não dei ao guarda tempo de resposta. Contornei o carro de bombeiros e deparei-me com aquele cenário que nunca mais me sairá da memória. O passeio estava atapetado de entulho, estilhaços de vidro, tijolos, almofadas, abajures, bocados de madeira e metal retorcido. Havia duas cadeiras partidas, uma planta sem vaso, cacos de fósseis, e um objeto retorcido que acabei por identificar como a metamorfose de um esquentador. Não me restava dúvida de onde tudo aquilo provinha. Evitei olhar para cima com medo do que iria encontrar. E então reparei nos livros.

Tantos! Eram livros e mais livros, os meus, os do Ângelo, vinha o ventinho fresco folhear os livros como quem procura uma palavra,

uma frase, uma definição… Um bombeiro passava e perguntei-lhe se houvera feridos:

— Uma vítima mortal, minha senhora, lá em cima — disse ele, apontando —, nenhum ferido. Foi uma sorte tremenda não haver ninguém a passar! — E num gesto largo apresentou o mar de destroços.

Mas eu já não estava ali…

Há meses que andava para ver a exposição do Escher e adiava sempre. Era mais preguiça que outra coisa. Dizia: aquilo ainda vai ficar meses. Mas de repente só faltavam duas semanas para acabar. Por isso, chegou domingo e impus-me: é hoje, Lídia, não vais adiar mais!

Cheguei cedo, meia hora antes da abertura, com receio de uma enchente e de não conseguir ver as obras com a paz de espírito que elas mereciam. E é claro que fui a primeira pessoa a chegar. Felizmente estava uma bela manhã de primavera, fresca e cristalina, como são as que se seguem a uma noite de aguaceiros. Estar ali à beira-Tejo, à porta do Museu de Arte Popular, um paquete a entrar na barra, uma regata a começar, não deixava de ser agradável.

Um quarto de hora depois compareceu um senhor bem-posto e bem-parecido, não muito alto, mas muito direito, cabeça atirada para trás, lenço de seda em volta do pescoço, e eu pensei: ora aqui está um que se acha muito importante. Em seguida apareceu uma carrinha e descarregou um grupinho de umas oito ou nove pessoas. E era esta a enchente que eu temera à hora de abertura do museu.

As portas abriram-se e entrámos. Paguei, ignorei a oferta de guias-áudio, e avancei para a magia desse criador de paradoxos que foi Escher. Seguia devagar, lendo com atenção descrições e comentários. Atrás de mim, a uma velocidade comparável, vinha o tal senhor bem-posto, e às tantas pareceu-me que não era só para as obras em exposição que ele olhava…

O grupinho vinha um pouco mais atrás. A dada altura, juntaram-se em volta de uma paisagem italiana e a guia que traziam começou a explicar a obra numa voz desnecessariamente alta, penetrante e perturbadora. De tal forma que, de súbito, eu olhava para as gravuras e tinha dificuldade em apreciar o que estava a ver. Lia as placas com a apresentação e misturava o significado das palavras lidas com o das palavras

ouvidas naquela voz irritante. Dei comigo a ver as obras à pressa, sem me dar ao trabalho de tentar ler as descrições. Queria passar quanto antes à sala seguinte para não ter de ouvir a sábia estridência que a mulher infligia ao seu grupinho.

Só que a voz dela transpunha as paredes. Eu continuava a ver tudo a correr, e reparei que não era a única. Por fim, o cavalheiro bem-posto não se conteve e falou-me:

— Parecemos dois fugitivos. À saída, temos de aconselhar que forneçam tampões para os ouvidos, com os bilhetes.

— E eu que vim cedo para ver a exposição em paz… — Suspirei.

Ele estendeu a mão. Apresentou-se como sendo Ângelo de Vasconcellos e por momentos tive a impressão de que nem o nome nem a cara me eram desconhecidos, embora, como isso já me tivesse acontecido antes com outras pessoas, eu não ligasse.

Eu, por minha vez, apresentei-me. Disse que era explicadora, e sensatamente decidimos sair, tomar um café e voltar a entrar para podermos apreciar condignamente a exposição.

Ao balcão de uma rulote, com o sol a competir com a brisa fresca que impelia os barquinhos da regata no azul encapelado do rio, o café soube-nos bem, e gozámos a conversa um do outro.

— E para além das explicações, que é que a motiva?

— Gosto de escrever e de pintar.

— Pinta? Tem piada. — Disse-o com ar sério. — Há anos que procuro a minha alma gémea…

Eu seguia, sonâmbula, pisando vidro e estuque.

Reconheci um livro que apanhei do chão, «Um bom homem é difícil de encontrar»[1], e estava para o guardar na minha pasta, quando pressenti a estupefação dos mirones que me fitavam do outro lado do cordão policial.

— É meu! — justifiquei-me, sem querer saber se alguém me ouvia. — É meu… e empurrei-o para dentro da mala. Avançava com cuidado, olhos no chão, pesados como chumbo. Eu sabia de onde vinha todo aquele entulho…

Galguei as escadas e a porta não se abriu como seria normal. O Menezes não estava no seu posto. Teclei o código e entrei, acolhida pelo aroma familiar de detergente, cumprimentada pela luz que automaticamente se acendeu. Passei a secretária vazia e chamei o elevador, com o coração a pulsar-me na garganta estreita, como quem quer forçar passagem. O elevador içou-me e parecia que me puxava pelo estômago e pelos intestinos.

[1] Livro de contos de Flannery O'Connor.

Nunca me sentira muito bem naquela casa.

— Anda viver comigo. Que fazes tu nesse cochicho em Massamá…? Em Massamá, por amor de Deus!

Ele tinha ido uma vez a minha casa. E nunca mais. Vinha trazer-me a casa, despejava-me e ia-se embora. Nunca queria subir. Dizia:

— Este carro nesta vizinhança, apesar do que tu dizes, tenho medo de o deixar. Invejas, sabes?

Eu convidava-o para almoçar, ele sugeria que viesse cozinhar em casa dele, aqui…

E eu ia cedendo. Chegava cedo, fornecida com o que precisava, instalava-me na cozinha estupenda, tentando concentrar-me na culinária. A ele, sentia-o pela casa. Estaria possivelmente na sala enorme, toda envidraçada do lado da varanda, com vista para o Campo Pequeno e para Monsanto. Ou estaria no escritório? Respirava-lhe a presença e sentia-me intimidada. De vez em quando, ele vinha espreitar o que eu estava a fazer, distraía-me com carícias, e repetia:

— Anda viver comigo. Já não somos novos, temos de aproveitar ao máximo a companhia um do outro.

A princípio, eu cedia apenas a passar umas temporadas em casa dele, e ele ficava muito contrariado quando eu voltava para Massamá. Ficava mesmo zangado, mas eu, em vez de ver nisso um sinal ameaçador, via um sinal do amor que ele tinha por mim. De forma que fui permanecendo por períodos cada vez mais longos, embora nunca me sentisse muito à vontade.

Era excessivamente metódico e arrumado, e eu tinha receio de deixar qualquer coisa fora do sítio. Mantinha sempre fechada a porta do escritório e, embora não ficasse trancada à chave, estava implícito no seu gesto que não seria boa ideia violar o espaço onde trabalhava, acompanhando a bolsa, comprando e vendendo.

Depois havia a empregada, a Maria, que vinha quatro dias por semana. Era ela quem fazia as compras, fazia as limpezas, cuidava da roupa e cozinhava para o Ângelo. Ele até tinha uma alcunha para ela. Em privado chamava-lhe *Lexivinha*.

— Por onde ela andou, fica sempre um cheirinho a asseado — explicou.

Eu só costumava vir aos fins de semana, e nunca me encontrava com a senhora, mas finalmente fiquei para segunda-feira. Estava à espera de uma mulher pequenina, nervosa, tipo piolho elétrico, faladora e mexeriqueira, e tive uma surpresa. Ouvi a porta do apartamento bater e pouco depois entrava pela cozinha uma mulher avantajada, de modos lentos e calmos, detrás dos quais terá disfarçado qualquer perturbação, qualquer desagrado por me ver de volta dos seus tachos e panelas.

— É a Maria, não é? — perguntei. — Eu sou Lídia.

— Sim, minha senhora — disse ela e só então lhe notei alguma hesitação. Trazia um trólei de compras e olhava para as minhas mãos, que ralavam cenoura. Estava parada e percebi o que ia na cabeça dela.

— Hoje sou eu a preparar o almoço do Senhor Doutor — disse. — A Maria pode talvez adiantar-se com a roupa ou com o que planeava fazer a seguir, está bem?

Concordou — que remédio, não é? — e passou a arrumar as compras.

Mas a partir de então, nem na cozinha do Ângelo me sentia à vontade, sempre com medo de deixar as coisas fora do sítio. Só no meu escritório — o Ângelo insistia em chamar-lhe «o meu ateliê» — podia espalhar o meu caos, como ele dizia.

Enfim, estar ali não era o mesmo que estar na minha casa, com os meus bibelôs, onde ninguém reparava na minha atividade frenética, no meu confortável grau de desarrumação.

Cheguei ao décimo sexto andar. As portas do elevador abriram-se e à minha espera no patamar estavam um homem e uma mulher. O polícia com quem eu falara devia tê-los avisado da minha chegada. Através da abertura que eles tapavam, tentei vislumbrar o estado em que ficara a minha casa:

— Não posso entrar? O meu marido? Ele estava lá dentro…

Foi a mulher quem respondeu. Era quase um palmo mais alta do que eu, muito morena, e tinha uns olhos grandes que expressavam simpatia. Pôs a mão no meu antebraço:

— O seu marido não sobreviveu.

Eu já sabia…

— Temos muita pena — continuou ela.

Pena?

— Que se passou? Onde está ele?

— O corpo ainda não foi removido — disse a mulher —, mas a senhora não pode ficar aqui.

Eu continuava a tentar ver o que havia por trás daqueles dois corpanzis. Ela prosseguiu:

— Tem onde ficar? Tem alguém a quem recorrer?

Abanei a cabeça.

— Filhos? Um familiar? Uma amiga? — insistiu ela.

— Os meus filhos estão no estrangeiro. O familiar que tenho mais próximo é um irmão que vive em Balurco…

A minha mente fugiu. Vi as gaiolas enormes, a chilreada dos pássaros… Lembrei-me de pensar muitas vezes: os pássaros do meu irmão são mais livres do que eu. E cantam. E ninguém lhes faz mal.

— Onde?

— No Alentejo, perto de Alcoutim. Tem uma quinta de produtos biológicos e cria pássaros para vender. Não imagina o amor…

Amor? Senti de repente uma ternura imensa pelo meu irmão eremita e pela santa da minha cunhada, que aceitava partilhar com ele a vida naquele ermo…

— Não imagina… — Ia continuar a falar deles, caí em mim, caí naquele lugar, à porta de casa, sem poder entrar. Senti-me observada, dissecada, nua.

— Mas… o que foi que aconteceu? — perguntei.

— Antes de mais, deixe que me apresente. Sou a inspetora Sofia Sobral, este é o inspetor Clemente Veloso. O que aconteceu, tudo leva a crer, foi uma explosão de gás. O seu marido… o seu marido… para já, só lhe posso dizer que não deve ter sentido nada…

Disse aquilo como que para me consolar, enquanto eu olhava para não sei onde, sem dizer nada, sem chorar, não tinha vontade nenhuma de chorar nem mais perguntas que fazer.

— Agora não pode é ficar aqui — repetiu a inspetora. — Tem para onde ir?

… a unha quebrada do dedo mindinho do pé esquerdo do mundo…

Foi o que me veio à cabeça…

— Eu conhecia o Calcanhar do Mundo, mas a Unha Quebrada do Dedo Mindinho é novidade…

Vinha buscar-me para o nosso primeiro jantar. Trazia um carro diferente daquele que eu vira em Belém. Já não era o *Maserati*. Agora trazia um *Morgan* descapotável. Foi entrando no carro que, dando-lhe as boas-vindas, lhe dei a conhecer o verdadeiro nome de Massamá.

— Raio de nome!

— Foi-me revelado por um extraterrestre — disse eu — de um verde-fosforescente…

— Ah, ah… — riu-se. Era no tempo em que se ria.

Eu nunca tinha andado num descapotável e o vento emaranhou-me os cabelos de forma abominável, mas ia feliz!

Como não…? A Fortaleza do Guincho, o cabo da Roca, as ondas, o mar tinto pelo crepúsculo, o carro a estacionar e o Ângelo, atencioso, a sair do carro e a apressar-se para me abrir a porta, que eu já tinha aberto, tudo isso me submergia num ambiente mágico, como se tivesse bebido qualquer coisa.

Sentámo-nos a uma mesa junto à janela. O empregado empurrou a minha cadeira e acendeu uma vela, e eu respirei o momento. Mas a seguir veio o menu — sem preços — e a Realidade regressou, com as suas pequenas contrariedades e exigências:

— Há uma coisa que ainda não lhe disse — confessei, comprometida, depois de ele ter sugerido um dos menus de degustação. — É que eu sou vegetariana...

Vi um primeiro espanto espalhar-se pelo rosto dele, para logo se transformar num ar de troça que nem sequer se esforçou por disfarçar. Tentando sossegar-me, acrescentei:

— Mas não sou fundamentalista. Como marisco e peixe de vez em quando… para acompanhar os amigos.

Aceitei a sugestão de um menu de degustação e ia discretamente pondo de parte o que era carne. Outra coisa que ele tentou foi que eu bebesse, que ao menos provasse aquele Não-Sei-Quê-Reserva-De-Não-Sei-Quando, surripiado à garrafeira dos deuses, que ele discutira exaustivamente com o escanção. Mas eu não gostava de vinho. Enjoava-me, talvez porque me lembrasse de ver o meu pai aos tombos. Não cedi.

Enfim, a noite não estava a correr da melhor maneira, mas ele não parecia notar. Comia e bebia com entusiasmo. Ainda me perguntou se eu era divorciada, se tinha filhos, mas, uma vez inteirado, passou a falar de si. Confidenciou que deixara a atividade de corretor de bolsa há uns anos e, no entanto, continuava a comprar e a vender na bolsa.

— E ganho dinheiro. Não sei explicar — disse —, tenho um faro especial para as oscilações do mercado. Vendo caro e compro barato. Às vezes engano-me, mas é raro. E assim vou tendo um dinheirito para estas extravagâncias.

Olhou em redor como se fossem dele a sala e todos os seus requintes.

— É fascinante. Ponderar todas as variáveis, escolher o momento certo para comprar e para vender... Mas é uma atividade que não me chega! Faz-me falta o contacto com as pessoas. Por isso dedico-me também ao comércio de arte. Sou consultor de uma galeria importante e tenho muitos conhecimentos, vendedores e compradores. Eu sirvo de mediador, e mais uma vez ganho dinheiro. Ganhar dinheiro é a minha respiração.

Assim se passou o jantar, ele a falar, a falar, e eu encantada a ouvir-lhe a voz de barítono, aliviada por não ter de falar de mim, das minhas dificuldades, das minhas angústias, das minhas insónias…

E mais aliviada fiquei quando a conta lhe foi entregue com a máquina multibanco e ele pagou logo. Eu planeara fazer pelo menos menção de dividir a despesa, mas não o fiz. Não precisava de ver os preços para saber que a conta me levaria uma boa metade do que eu conseguia angariar num mês com as minhas explicações.

Não podia era deixar as coisas ficarem assim. Tinha o meu orgulho de mulher! Se não conseguia competir com ele, se não podia convidá-lo para o Ritz, nem por isso deixava de haver uma solução:

— Da próxima, o jantar é comigo — disse eu sem hesitar, e ele ficou a olhar para mim com ar divertido, como quem pensa: e levas-me ao McDonald's, é?

Não era a minha ideia…

— Cozinho-lhe um petisco em minha casa — elucidei, e no sorriso dele, a zombaria transformou-se em aprovação.

Estava combinado.

O chefe dos empregados trouxe pessoalmente o recibo numa bandejinha onde eu vi cair uma nota. O Ângelo levantou-se e saímos para uma noite estrelada como não se vê em Lisboa. Entrámos no carro, e ele acionou a capota. Então perguntou-me se não queria ir a casa dele.

Recusei. Era cedo demais. Não queria que ele pensasse que eu era uma cabeça de vento, uma deslumbrada ou uma desesperada, disponível ao fim de um encontro no museu e um jantar de príncipes. Disse:

— Demos tempo ao tempo.

Ele ainda contrapôs:

— Cada dia que passa é um dia a menos…

Porém não insistiu. Deixou-me na minha casinha em Massamá e saiu do carro para me abrir a porta, mas eu já tinha saído. Definitivamente, não preciso que me abram a porta.

— A Unha Quebrada do Dedo Mindinho… do Pé Esquerdo do Mundo, ahah! Já não vou esquecer — riu-se.

Duas beijocas e apressei-me para casa.

A Unha Quebrada do Dedo Mindinho do Pé Esquerdo do Mundo… eu não pronunciara as palavras, mas a inspetora tinha visto os meus lábios moverem-se.

— Tenho um sítio, sim — respondi —, mas agora preciso de entrar em casa para ir buscar umas coisas.

Não pensava em artigos de *toilette*, nem em roupa interior, não senhora. Do que eu sentia falta era do manual de literatura para o 12.º ano, do livro de português do 11.º e de um velho caderno de apontamentos para as explicações do dia seguinte. Assim funcionava a minha cabeça naquele momento.

— Não pode. O apartamento encontra-se vedado para investigação. Assim que deixar de estar, informamo-la.

Não me deixavam entrar, mas eu precisava de entrar. Sabia que precisava de entrar! Só então me lembrei da *Blimunda*! Como fora possível esquecer-me dela?!

— A minha gata está lá dentro! — exclamei. — Deve estar assustadíssima! Tenho de a procurar! Alguém viu a minha gata?!

— Gata? — espantou-se a inspetora. — Ninguém me falou de nenhuma gata. Onde estava a sua gata?

— Passa muito tempo na varanda. Tenho de ir procurá-la! Não saio daqui sem a minha gata!

— Desculpe — interveio o inspetor pela primeira vez. — Não pode!

Aqueles dois corpanzis vedavam tão bem a entrada do apartamento, que nem se via lá para dentro, mas de nada serviu. Pousei a pasta, empurrei a inspetora, dei um encontrão no inspetor e passei por eles para um cenário irreconhecível.

Lembrei-me de Londres bombardeada, Hiroxima, os filmes. Patinhava em meio centímetro de água e aquela já não era a bela entrada de que o Ângelo se orgulhava. O móvel chinês tombara e mudara de cor.

O teto estava preto. O quadro do Almada era o único que sobrava nas paredes, torto e chamuscado. Os outros tinham tombado e nadavam de borco, como afogados. Apressei-me pisando cascalho. Vi a porta do escritório do Ângelo fora dos gonzos e foi para lá que me enfiei, sem me dar ao trabalho de olhar para a sala devastada nem para a cozinha que ficava nas minhas costas. Não tinha tempo.

O escritório estava um caos. A secretária tinha sido empurrada contra uma parede. As estantes, embutidas nas paredes, não caíram, mas alguns arquivadores e livros tinham sido arrancados do seu lugar e havia muitos papéis pelo chão, misturados com outros restos da explosão. Tropecei e não torci um pé por milagre. Foi a inspetora, que me alcançara, quem me impediu de cair.

— É perigoso andar por aqui. Tenha calma... Eu ajudo-a a procurar a sua gata. Alguém viu um gato? — perguntou a um homem que passava no corredor e olhava para nós com ar aparvalhado.

— Acho que sim… Alguém falou num gato, sim. É uma testemunha, certo? — gracejou, como se alguém pudesse gracejar com aquele panorama.

— Está viva!! — O grito era meu e não hesitei. Só havia um sítio onde podia estar… enfiei-me entre os dentes de vidro que restavam na porta que dava para a varanda e corri na direção do jacuzi.

— *Blim*! *Blim*!

Não podia perdê-la. Ela fora a minha grande companhia desde o divórcio, e sobretudo depois de ter vindo viver com o Ângelo.

Trouxe-a comigo, como é óbvio, mesmo suspeitando que o Ângelo não gostava de animais. Fiquei foi com a caixa de areia no meu escritório, porque na cozinha ele achava pouco higiénico.

Não me importei muito. Abri uma passagem para ela na porta envidraçada da varanda e até foi melhor. Era por lá que ficava o dia inteiro, desde que estivesse bom tempo. Vinha para dentro à noite, à hora das refeições, ou quando, com aquele poder de adivinhação que têm certos animais, pressentia que eu estava em casa. Dormia muito, dentro ou fora, mas inevitavelmente acordava quando eu me sentava para trabalhar no computador.

Acho que eram ciúmes. Saltava para a secretária e vinha interferir com as teclas. Eu afastava-a, ela virava-se de patas para o ar e eu passava-lhe os dedos pelo pelo da barriga. Então sossegava e adormecia.

— *Blim! Blim*!

Ali, junto ao jacuzi, não havia sinais da explosão e localizei-a logo. Estava encolhida debaixo de uma espreguiçadeira. Ajoelhei-me e chamei por ela com a voz mais doce que arranjei. Finalmente, aproximou-se e peguei-lhe:

— Pronto… pronto… coitadinha… — disse, afagando-a, e ela aninchou-se em mim.

A inspetora observava.

— Desculpe-me! — disse eu. — Peço desculpa. Agora vou-me embora, e pronto. Quero acalmar a pobrezinha…

O inspetor só agora se aproximava, pesadão, arfante, com cara de poucos amigos.

— A senhora não podia ter feito o que fez! — exclamou.

Senti a mão da inspetora tocar-me no ombro.

— Vamos — disse ela, e deixei-me conduzir até ao *hall*. — Eu acompanho-a lá abaixo. Peço para a levarem a casa.

Pegou na minha pasta, que eu tinha deixado ali, e chamou o elevador.

— Não preciso que me levem — disse eu —, estou bem. Estou perfeitamente capaz de conduzir. Além disso, preciso do carro. Tenho explicações para dar amanhã.

— Explicações? — admirou-se o inspetor.

— Tenho de ganhar a vida, não é verdade? — respondi, apercebendo-me do ridículo que era eu querer dar explicações no dia seguinte à morte do meu marido…

— OK — aceitou a inspetora Sofia, entrando para o elevador. — Eu vou consigo no seu carro e conduzo. Não pode ir com o gato à solta na viatura.

— Já não era a primeira vez…

— Não devia, sabe? E muito menos agora, que o bicho está nervoso. Se não se importa, eu conduzo o seu carro e levo-a.

O elevador parou no rés do chão.

— Onde tem o carro? — perguntou a inspetora.

— Está no parque do Arco do Cego — respondi, acariciando a *Blim*.

— Não tem lugar no parque do prédio? — estranhou.

— Estão lá os carros do meu marido.